



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos
Nº 552 | Ano XXII | 14/7/2022

Zooliteratura

**A virada animal e
vegetal contra o
antropocentrismo**

ENTREVISTAS

**Maria Esther Maciel
Faustino Teixeira
Rita Carelli
Eduardo Jorge de Oliveira
Nádia Battella Gotlib
Evando Nascimento**

Olhares fito e zoo: aberturas para compreendermos a teia da vida na Terra que habitamos

Para Evando Nascimento, “uma visão tacanha da existência nos acostumou a colocar cada reino e cada espécie dentro de escaninhos separados e antagônicos” e isso precisa ser revisto pela própria sobrevivência humana

Faustino Teixeira | Edição: João Vitor Santos



Evando Nascimento vem do mundo das letras, mas não aceita essa perspectiva moderna que coloca as ciências separadas e quase in-comunicáveis, preferindo circular para além de livros e bibliotecas. Aliás, é dessa mesma perspectiva moderna que deriva a ideia de que o mundo se divide entre nós, os humanos racionais, e os outros bichos e plantas. Para o professor, isso nada mais é do que “visão tacanha” que coloca seres humanos e outras espécies em competição antagonista. “Alguém consegue viver sem cultivar plantas e/ou criar animais, direta ou indiretamente? O que seria da polinização sem a ajuda de insetos e, também, dos humanos? O que aconteceria com os herbívoros que nós humanos devoramos (aves e gado) sem as deliciosas plantinhas?”, provoca, na entrevista concedida por e-mail ao Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Se só respondêssemos a essas indagações já chegaríamos a reflexões interessantes. Mas Evando vai além e, na perspectivava da fitoliteratura e da zooliteratura, provoca a pensarmos em animais, vegetais e outros organismos, como fungos, vírus e bactérias, como outras chaves para ver e interagir no mundo. Afinal, todos dividimos o mesmo planeta, mas parecemos ter usos bem distintos. “Não há vivente ou não vivente que não tenha seu mundo particular, o qual compartilha com outros reinos e espécies. Há um verso de Cabral de Melo Neto que eu amo citar: ‘Viver/ é ir entre o que vive.’ Eu acrescentaria: é ir entre o que vive e, também, entre o que aparentemente não vive”, explica.

Para o professor, “há um entrelaçamento fundamental entre as formas orgânicas e inorgânicas de existência”. Embora seja salutar pensar nesse movimento como um processo de alteridade, a questão ainda vai além: trata-se de pensar na cooperação entre espécies, compreendendo plenamente a ideia de uma teia de vida que habita a Terra. “A teia vital se retroalimenta sem cessar, bastando observar o trabalho dos vermes, dos fungos e das bactérias, entre outros agentes”, aponta. “Ou aprendemos a lidar com essas ‘estranhas formas de vida’, que são as plantas, os animais, os fungos, as algas, as bactérias e até os vírus (estes, como se sabe, são um híbrido de vivo e de morto), ou pereceremos muito em breve como espécie”, completa.



Evando Nascimento é professor, ensaísta e escritor. Também é professor aposentado de Teoria da literatura na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, onde atuou na Graduação e na Pós-graduação em Estudos Literários, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Seu trabalho se desenvolve nas áreas de Filosofia, Literatura e Artes Plásticas. É graduado pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, possui mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio e doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Nos anos 1990, completou sua formação em Paris, onde foi aluno de Jacques Derrida na École des Hautes Études en Sciences Sociales e de Sarah Kofman na Sorbonne. Realizou um pós-doutorado em Filosofia, sobre Benjamin e Derrida, na Universidade Livre de Berlim. Além do livro de ensaios *Clarice Lispector: uma literatura pensante* (ed. Civilização Brasileira), é autor de cinco livros de ficção, o último dos quais *Diários de Vincent: Impressões do estrangeiro* (ed. Circuito).

Confira a entrevista.

IHU – O senhor tem desenvolvido reflexões no campo literário, em particular nesse interesse seu relacionado à zooliteratura e fitoliteratura. Poderia nos detalhar como se deu a aproximação com esses campos?

Evando Nascimento – Utilizando uma metáfora vegetal, digo que o interesse não brotou do nada, foi antes uma longa germinação. Poderia começar com minha formação na graduação da Universidade Federal da Bahia, mas vou encurtar a história e demarcar 1999 como o ano no qual escrevi o primeiro ensaio que vai desencadear tudo o que farei nas décadas seguintes: “Uma literatura pensante: Clarice e o inumano”¹. Esse texto foi republicado com pequenas modificações no ano seguinte². Tal foi a matriz para o livro que publiquei em 2012, *Clarice Lispector: uma literatura pensante* (Civilização Brasileira), no qual me concentro na questão

1 Cf. Nascimento, Evando. Uma literatura pensante: Clarice e o inumano. In: Moares, Alexandre (org.). *Clarice Lispector em muitos olhares*. Vitória: EdUFES, 2000, p. 100-123. (Nota do entrevistado)

2 Cf. Nascimento, Evando. O inumano hoje. Gragoatá, Niterói, Universidade Federal Fluminense, n. 8, p. 39-55, 1º sem. 2000. (Nota do entrevistado)

zooliterária, mas abordo também a fitoliteratura e até mesmo o papel das coisas e objetos, ou seja, o dito inorgânico, na ficção clariciana.

Tudo isso está ligado a minhas origens rurais na região do cacau, no sul da Bahia, e, também, a esse poema extraordinário de Drummond³, que li em plena adolescência, “Especulações em torno da palavra homem”, que se conclui com a indagação “Mas existe o homem?”. Esse questionamento poético sobre nossa existência humana, considerada como não óbvia, é a semente germinada que me move a problematizar o privilégio antropocêntrico, hoje mais do que nunca.

O capítulo do livro *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas* (Civilização Brasileira, 2022) intitulado “Clarice e as plantas: a poética e a estética da sensitiva” é um desdobramento “natural” de tudo o que fiz nas décadas anteriores. As aspas se devem ao fato de pôr em dúvida o conceito tradicional de “natureza” ser parte decisiva do projeto e das reflexões que desenvolvo. Sem isso, não damos um passo além do percurso planetário da humanidade até aqui.

Cito uma das epígrafes do *Pensamento vegetal*, na fala do indígena Ailton Krenak⁴: “Tudo em que eu consigo pensar é natureza.” Em síntese, bichos, plantas e coisas compõem o universo infinito do que se chama de *não humano*, mas que habita intimamente nossa humanidade e que está no cerne da sobrevivência de nossa e de outras espécies. E tudo isso deve ser pensado mais além da oposição natureza/cultura.

Tanto meus ensaios quanto meus cinco livros ficcionais são movidos por essa temática, ao lado de outras afins.

IHU – O senhor dedicou um lugar muito especial ao pensamento de Jacques Derrida⁵. É possível relacionar esse interesse seu pelo tema da animalidade com a reflexão desse autor, em particular no livro *O animal que logo sou*⁶?

Evando Nascimento – Sim, sem dúvida. Derrida não foi o primeiro nem o último pensador ou escritor, de qualquer gênero, a abordar a animalidade, ajudando-a a se emancipar da servidão involuntária ao Homem, em sentido tradicional. Mas decerto foi um dos que mais deram ênfase a essa problemática. Desde que comecei a lê-lo, percebi que a

3 Carlos Drummond de Andrade (Itabira, 31 de outubro de 1902 — Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1987) foi um poeta, farmacêutico, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX. Drummond foi um dos principais poetas da segunda geração do modernismo brasileiro, embora sua obra não se restrinja a formas e temáticas de movimentos específicos. (Nota da IHU On-Line)

4 Ailton Alves Lacerda Krenak: mais conhecido como Ailton Krenak (Minas Gerais, 1953), é um líder indígena, ambientalista e escritor brasileiro. É considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, possuindo reconhecimento internacional. Pertence à tribo indígena crenaque. É autor de vários livros, entre eles *Ideias para adiar o fim do mundo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2019). (Nota da IHU On-Line)

5 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras), *O animal que logo sou* (São Paulo: Unesp), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes). É dedicada a Derrida a editoria *Memória*, da IHU On-Line nº 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da IHU On-Line)

6 São Paulo: Unesp, 2002. (Nota da IHU On-Line)

questão da animalidade se encontrava nas linhas e entrelinhas de seus textos, como um contraponto ao etnocentrismo europeu e ao antropocentrismo clássico.

Sem dúvida, é com seu primeiro ensaio sobre “*La main de Heidegger*” [A mão de Heidegger], de 1983, que ele começa a questionar o que mais tarde chamará de “humãonismo” (*humainisme*), neologismo que aponta a mão como órgão de apreensão, o qual serve como argumento privilegiado para justificar a superioridade humana, do tipo: Só nós humanos somos capazes da verdadeira “apreensão” das coisas do mundo, pois somos dotados de uma verdadeira “mão”.

Além disso, muito cedo ele mostrou como o *Dasein*⁷ heideggeriano, apesar de ser crítico em relação ao humanismo tradicional, ainda privilegiava a existência humana na relação fundamental com o Ser. Finalmente, os últimos seminários de Derrida na École des Hautes Études en Sciences Sociales, onde fui seu aluno nos anos de 1990, foram dedicados à animalidade, com o título sintomático de *La bête et le souverain* (de 2001 a 2002 e de 2002 a 2003). Título que poderíamos traduzir como *A besta (ou a Fera) e o Soberano*, ou seja, o Animal e o Homem, dentro da tradição metafísica.

Ao chamarmos o animal não domesticado, não submisso ao humano, de “besta” ou “fera”, nos colocamos no lugar do Soberano, o homem civilizado que deve reinar sobre todas as coisas, tal como reza o mito adâmico da Bíblia. Esquecemos de imediato de nossa própria “ferocidade”, que promoveu e promove ainda inúmeros conflitos interpessoais e internacionais em todo o globo. Além disso, desconheço outra espécie que faça uma guerra permanente, por qualquer motivo, contra as outras espécies, num tipo de predação contínua.

IHU – Em seu livro sobre Clarice Lispector, *Uma literatura pensante* (2012), o senhor afirma: “A literatura de Clarice tem ajudado a questionar os limites do humano, na medida mesma em que traz para seu espaço formas concorrentes em relação à tradição.” Essa abertura para a nova alteridade é algo importante no momento?

Evando Nascimento – Extremamente importante. Clarice, já em seu livro de estreia, *Perto do coração selvagem*⁸, aborda a questão do animal seja de forma metafórica, seja de forma literal. Por exemplo, a protagonista Joana, quando criança, é insultada pela tia como “víbora”, um xingamento clássico contra as mulheres, que o marido dela Otávio repetirá no momento de abandoná-la. Ora, no contexto do livro, esse insulto adquire

⁷ Dasein: termo principal na filosofia existencialista de Martin Heidegger. Na sua obra *Ser e tempo*, Heidegger expõe a questão filosófica do ser. Que é ser? Heidegger afirma que o ser humano é um “ente destacado”: o ser humano é capaz de questionar o ser, possui uma compreensão do ser. Este ente é o homem, que Heidegger chama de ser-aí, o homem enquanto um ente que existe imediatamente no mundo. Para investigar o ser-aí, enquanto possui sempre uma compreensão de ser, impõe-se uma analítica existencial, que tem como tarefa explorar a conexão das estruturas existenciais que definem a existência do ser-aí. (Nota da IHU On-Line)

⁸ São Paulo: Rocco, 2019 [em edição comemorativa]. (Nota da IHU On-Line)

conotação positiva: Joana é uma “víbora” por não se submeter à ordem falocêntrica, em que o Homem como pai, marido ou irmão reina absoluto.

E, assim, já vínculo o rebaixamento metafísico ocidental do animal ao rebaixamento do feminino em relação ao masculino. É a mesma ordem falocêntrica que sempre colocou as mulheres e as condutas sexuais não heteronormativas em lugar de inferioridade que também inferioriza e escraviza os animais em geral. São questões distintas, porém correlatas: a misoginia e a bestialização dos bichos.

Agradeço por você sublinhar isso: embora trate de muitos assuntos, meu livro *Clarice Lispector: uma literatura pensante* aborda sobretudo a *zoopolítica clariciana*, a qual promove uma nova inserção dos animais na pólis ou na Cosmópolis. A pólis é humana, a cosmópolis é de todos os viventes e não viventes, na Terra e fora dela. E já nesse estudo de 2012, as plantas e o inorgânico compõem tratados em subcapítulos, mostrando o modo segundo o qual, em nosso espelho narcísico, nos vemos sempre como os soberanos indiscutíveis da “Natureza”.

IHU – Como explicar esse “chamado” de Clarice para o mundo animal? O senhor fala em “zoografia ficcional”.

Evando Nascimento – Cito uma frase que para mim explica bem a relação de Clarice Lispector com os animais: “não ter nascido bicho parece ser uma de minhas secretas nostalgias. Eles às vezes clamam do longe de muitas gerações e eu não posso responder senão ficando desassossegada. É o chamado”. Isso é dito numa crônica publicada no *Jornal do Brasil* e republicada na coletânea *A descoberta do mundo*⁹. Ela se sente convocada (palavra que tem “voz”) pelos bichos, os quais de algum modo mobilizam sua animalidade. É esse algo de animal no humano

“O que autores como Kafka, Guimarães Rosa, Drummond, Lygia Fagundes e tantos outros na modernidade fizeram foi ficcionalizar os bichos de modo não moralizante”

que nós mais negamos, embora Darwin¹⁰, há mais de um século, provou que os hominídeos têm ancestrais em comum com outros primatas.

O que autores como Kafka¹¹, Guimarães Rosa¹², Drummond, Lygia Fagundes¹³ e tantos outros na modernidade fizeram foi ficcionalizar os bichos de modo não moralizante. Eu amo as fábulas de Esopo¹⁴, de La Fontaine¹⁵, bem como os contos Perrault¹⁶ e dos irmãos Grimm¹⁷, mas é patente que esses escritores recorrem aos animais sobretudo para estabelecer regras morais para o humano. Bem lidos, esses textos clássicos

10 Charles Darwin (Charles Robert Darwin, 1809-1882): naturalista britânico, proponente da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro *A Origem das Espécies*. Organizou suas principais ideias a partir de uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a professora Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a palestra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de Charles Darwin, no evento *Abrindo o Livro*, do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Sobre o assunto, confira as edições 300 da IHU On-Line, de 13-7-2009, *Evolução e fé. Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/UsZlrR>, e 306, de 31-8-2009, intitulada *Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/1tABfrH>. De 9 a 12-9-2009, o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. (Nota da IHU On-Line)

11 Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. Considerado pela crítica um dos escritores mais influentes do século 20. A maior parte de sua obra, como *A metamorfose*, *O processo* e *O castelo*, está repleta de temas e arquétipos de alienação e brutalidade física e psicológica, conflito entre pais e filhos, personagens com missões aterrorizantes, labirintos burocráticos e transformações místicas. Albert Camus, Gabriel García Márquez e Jean-Paul Sartre estão entre os escritores influenciados pela obra de Kafka. O termo "kafkiano" popularizou-se em português como algo complicado, labiríntico e surreal, como as situações encontradas em sua obra. (Nota da IHU On-Line)

12 João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata nascido em Cordisburgo, Minas Gerais. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las em um realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os em um discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, destacam-se *Sagarana* (1946), *Corpo de baile* (1956), *Grande sertão: veredas* (1956) – considerada uma das principais obras da literatura brasileira –, *Primeiras histórias* (1962) e *Tutameia* (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 2-5-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título *Sertão é do tamanho do mundo*. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível em <https://goo.gl/LXRCAU>. Confira ainda a edição 275 da IHU On-Line, de 29-9-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mBZOce>. A revista publicou também em sua edição 503, de 24-4-2017, a entrevista com Kathrin Rosenfield intitulada *Leitura de Guimarães Rosa ensina a viver sentindo e dando sentido à vida*, disponível em <https://bit.ly/2wRB1WQ>. A IHU On-Line número 538, intitulada *Grande Sertão: Veredas. Travessias*, também tratou da produção do autor. Acesse em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/538>. (Nota da IHU On-Line)

13 Lygia Fagundes Telles (1918 –2022): escritora brasileira conhecida como "a dama da literatura brasileira", considerada por acadêmicos, críticos e leitores uma das mais importantes e notáveis escritoras brasileiras do século XX e da história da literatura brasileira. Além de advogada, romancista e contista, Lygia teve grande representação no pós-modernismo, e suas obras retratavam temas clássicos e universais como a morte, o amor, o medo e a loucura, além da fantasia. (Nota da IHU On-Line)

14 Esopo (620 a.C. –564 a.C.): foi um escritor da Grécia Antiga a quem são atribuídas várias fábulas populares. A ele se atribui a paternidade da fábula do gênero literário. Sua obra, que constitui as *Fábulas de Esopo*, serviu como inspiração para outros escritores ao longo dos séculos, como Fedro e La Fontaine. (Nota da IHU On-Line)

15 Jean de La Fontaine (1621 —1695): poeta e fabulista francês. A sua grande obra, "*Fábulas*", escrita em três partes, no período de 1668 a 1694, seguiu o estilo do autor grego Esopo, o qual falava da vaidade, estupidez e agressividade humanas através de animais. La Fontaine é considerado o pai da fábula moderna. (Nota da IHU On-Line)

16 Charles Perrault (1628 –1703): foi um escritor e poeta francês do século XVII, que estabeleceu as bases para um novo gênero literário, o conto de fadas, além de ter sido o primeiro a dar acabamento literário a esse tipo de literatura, o que lhe conferiu o título de "Pai da Literatura Infantil". As suas histórias mais conhecidas são *Le Petit Chaperon rouge* (*Chapeuzinho Vermelho*), *La Belle au bois dormant* (*A Bela Adormecida*), *Le Maître chat ou le Chat botté* (*O Gato de Botas*), *Cendrillon ou la petite pantoufle de verre* (*Cinderella*), *La Barbe bleue* (*Barba Azul*) e *Le Petit Poucet* (*O Pequeno Polegar*). (Nota da IHU On-Line)

17 Irmãos Grimm: Jacob (1785 –1863) e Wilhelm (1786 –1859) foram dois irmãos, ambos acadêmicos, linguistas, poetas e escritores que nasceram no então Condado de Hesse-Darmstadt, atual Alemanha. Os dois dedicaram-se ao registro de várias fábulas infantis, ganhando assim grande notoriedade, essa que, gradativamente, tomou proporções globais. Também deram grandes contribuições à língua alemã, tendo os dois trabalhado na criação e divulgação, a partir de 1838, do *Dicionário Definitivo da Língua Alemã* (o "*Deutsches Wörterbuch*"), que não chegaram a completar, devido à morte de ambos, entre as décadas de 1850 e 1860. (Nota da IHU On-Line)

são também muito enriquecedores, mas o componente moralista atrapalha um pouco a interpretação.

Kafka e Clarice

Já em Kafka e em Clarice, entre tantos escritores e escritoras modernos ou atuais, os bichos por assim dizer estão muito mais “soltos”: eles são vistos de forma mais detida em suas especificidades, que em parte compartilham conosco. E é essa complexidade que me interessa na *zoografia ficcional*: cada espécie animal é de fato singular, mas também divide uma parte do legado com outras espécies, inclusive a nossa.

E é desse grau de ficcionalidade “bio-lógica” que agora eu chamaria de *humano-animal*, ou *humanimal* – para utilizar um neologismo que acabei de inventar – que todos os viventes animais são dotados. Penso neste momento na delicadeza que é “Um boi vê os homens”, de Drummond, ou no lindíssimo conto-crônica “Macacos”, de Clarice. Detalhe: parodiei este último conto narrando a história do ponto de vista da macaquinha Lisette e não da narradora-personagem dona-de-casa – minha história se chama “Humanos”.¹⁸

IHU – Para o senhor, o pensamento de Clarice “é também intensamente desfigurante” com respeito à nossa visão dos animais e da diferença em geral, na medida em que questiona os nossos preconceitos arraigados. Poderia desenvolver isso um pouco melhor?

Evando Nascimento – A *desfiguração das figuras tradicionais* atribuídas aos animais (nas fábulas e nos contos morais citados anteriormente, por exemplo) está relacionada ao que desde 1992 venho chamando de *literatura, escrita ou ficção pensante* – esse adjetivo pode ser estendido ao cinema e às artes em geral, como eu mesmo já fiz. Vivemos de fato contemplando o espelho de Narciso e recusando o que achamos feio, muito embora a fábula grega seja mais complexa do que a interpretação vigente.

A imagem ou figura que a chamada civilização ocidental construiu para si própria foi baseada nas culturas de alguns países hegemônicos: Inglaterra, França, Itália e Alemanha, mas Portugal, Espanha, Holanda e Bélgica também deram grande contribuição ao longo da história moderna. O próprio conceito de modernidade foi forjado nesses países, em contraste com outros povos que supostamente não eram desenvolvidos do ponto de vista socioeconômico. A cultura greco-romana deu os fundamentos míticos da história do “progresso civilizacional”.

Mas quero deixar claro que não sou antiocidental, pois devo muito às culturas dos países citados, tendo vivido em dois deles, França e Ale-

¹⁸ Nascimento, Evando. *Humanos*. In: Guimarães, Mayara; Maffei, Luís (Org.). *Clarice Lispector: personagens reescritos*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012, p. 23-26.

manha. E minha formação da escola primária até o doutorado foi baseada em conceitos veiculados pelas línguas portuguesa, espanhola, inglesa e alemã predominantemente.

Figura masculina, branca e colonizante

Essa imago ou figura é então sobretudo masculina, branca e colonizadora – o retrato fiel dos invasores e exploradores europeus nas Américas e noutros continentes a partir do século XV, tratados pela História oficial como “heróis”. Basta lembrar a mitificação escolar dos bandeirantes genocidas, que abriram caminho para a ocupação territorial, matando indígenas e extraindo minérios, no que se tornou o abrasado Brasil.

Nesse espectro europeu, tudo o que não se encaixa na figura hegemônica é rebaixado: as mulheres em geral, as etnias indígenas, africanas, asiáticas e australianas, os animais e as plantas. Hegel¹⁹ hierarquizou as civilizações do planeta como nenhum outro filósofo. Hoje temos no Brasil um governo que encarna o protótipo do macho devastador.

Lida com atenção, a literatura de Clarice e de diversos autores e autoras problematiza essa hegemonia falocêntrica (privilégio do falo) e logocêntrica (privilégio do *lógos* em detrimento de outras linguagens não verbais). Ou *falogocêntrica*, como nomeou Derrida, juntando as duas potências destrutivas das diferenças. Ele criou também um neologismo

19 Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira a edição 217 da IHU On-Line, de 30-4-2007, disponível em <https://goo.gl/m0FJnp>, intitulada Fenomenologia do espírito, de (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 9-6-2008, Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel, disponível em <https://goo.gl/D94swr>; Hegel. A tradução da história pela razão, edição 430, disponível em <https://goo.gl/62UATd> e Hegel. Lógica e Metafísica, edição 482, disponível em <https://goo.gl/Il-dAkV>. (Nota da IHU On-Line)



maior, o *carnofalocentrismo*, *carne* significando a carne do animal sacrificado e por nós devorado de forma devastadora.

Uma literatura pensante

É nesse sentido que digo que *uma literatura pensante é aquela que permite pensar o impensado ou o impensável de nossas culturas ocidentais*. Veja que utilizei “culturas”, porque não há uma única cultura de origem europeia, mas várias. A própria noção de Ocidente como bloco homogêneo e isolado foi questionada há décadas por Edward Said²⁰.

Noutras palavras, o próprio chamado Ocidente abriga muitas diferenças dentro de si, e isso precisa ser levado em consideração, até porque as fronteiras para com o Oriente se esfumam cada vez mais. Há muito de Oriente no Ocidente (pensemos na Inglaterra e na França, com seus imigrantes oriundos das ex-colônias) e muito de Ocidente no Oriente (pensemos no Japão e nos demais países industrializados da Ásia, alguns exportadores de tecnologia para o resto do mundo).

IHU – Em determinado momento de sua reflexão, o senhor se dedica ao pensamento de Heidegger e sua abordagem da “diferença ontológica” que separa os seres vivos em geral do “homem humano”. Poderia tecer algum comentário a respeito?

Evando Nascimento – É difícil resumir em poucas palavras o que desenvolvi com muito cuidado no *Pensamento vegetal*. Diria apenas que tentei expor uma contradição no pensamento heideggeriano. Por um lado, no rastro de Nietzsche²¹, ele foi um dos que mais criticaram o humanismo tradicional, tentando evitar a antropomorfização do *Dasein*, como visto. No entanto, em textos como a *Carta sobre o humanismo* e *Os conceitos*

20 Edward Said (1935 —2003): foi professor, crítico literário e ativista político palestino-estadunidense. Docente de literatura na Universidade de Columbia, foi um dos fundadores do campo acadêmico de estudos pós-coloniais. Também foi um dos principais intelectuais da causa palestina e de outras questões do mundo árabe de um modo geral. Sua obra mais importante é *Orientalismo*, publicada em 1978 e traduzida em 36 línguas, que é considerada como um dos textos fundadores dos estudos pós-coloniais. (Nota da IHU On-Line)

21 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvalorização dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqQB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista IHU On-Line, de 24-5-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da IHU On-Line)

fundamentais da metafísica, ele estabelece uma separação abissal entre o *Dasein* humano, de um lado, e as plantas, animais e as pedras, do outro.

O inimigo em causa é sem dúvida Darwin. Heidegger precisa provar que, a despeito do que pregou o naturalista britânico, do ponto de vista ontológico há um abismo entre os viventes humanos e os não humanos. Só nosso *Dasein* está apto a se relacionar fundamentalmente com a questão do Ser. Motivo pelo qual ele qualifica o humano como “formador ou construtor de mundo” (*weltbildend*), os animais e as plantas como “pobres de mundo” (*weltarm*) e as pedras como “desprovidas de mundo” (*weltlos*). Só nós humanos somos dotados de mundo e, portanto, ontologicamente essenciais. Esse é o velho antropocentrismo humanista travestido de inovação ontológica!

IHU – Como situar essa singular importância da abertura de Clarice ao “fluxo vital” em geral?

Evando Nascimento – Escritas pensantes como as de Clarice e as de Pessoa, com o heterônimo Alberto Caeiro, abrem perspectivas inusitadas no que diz respeito ao fluxo vital. Mas isso já tinha sido antecipado por Walt Whitman²² no século anterior e, também, pela pintura exuberante de Van Gogh²³. E não quero me deter apenas nos escritores ou artistas modernos, pois em qualquer tempo das culturas ocidentais essa potencialização dos fluxos vitais ocorre.

Sou fascinado, por exemplo, pelas *Metamorfoses*²⁴ de Ovídio²⁵, que anteciparam muitas das questões atuais. Grande parte do que faço como ensaísta ou ficcionista deriva desse texto desmesurado da antiguidade. Inclusive uma de minhas histórias da última coletânea de contos que publiquei em 2019, *A desordem das inscrições* (ed. 7Letras), não por acaso se chama “As Metamorfoses”. Sempre houve, desde as origens, artistas-pensadores e pensadoras que contribuíram com grande vitalidade para o

22 Walt Whitman (1819-1892): poeta, ensaísta e jornalista norte-americano, considerado por muitos como o “pai do verso livre”. Paulo Leminski o considerava o grande poeta da Revolução Americana, como Maiakovsky seria o grande poeta da Revolução Russa. Sua obra *Folhas de Relva* é considerada um marco na literatura universal, principalmente dentro do gênero poético. (Nota da IHU On-Line)

23 Vincent Willem Van Gogh (1853-1890): pintor neerlandês, considerado o maior de todos os tempos desde Rembrandt, apesar de durante a sua vida ter sido marginalizado pela sociedade. Sua influência no expressionismo, fauvismo e abstracionismo foi notória e pode ser reconhecida em variadas frentes da arte do século XX. Van Gogh foi pioneiro na ligação das tendências impressionistas com as aspirações modernistas. Hoje em dia, várias das suas pinturas, entre elas *Doze girassóis numa jarra*, *A casa amarela*, *Quarto em Arles*, *Os comedores de batatas* e *Auto-retrato* encontram-se entre os objetos mais caros do mundo, sendo superados apenas por Pablo Picasso. Era portador de epilepsia e também de distúrbio bipolar (psicose maniaco-depressiva). (Nota da IHU On-Line)

24 *Metamorfoses*: é uma das obras mais famosas e considerada como a magnum opus do poeta latino Ovídio. Este poema narrativo foi tornado público por volta do ano 8, e, ao lado de *Fastos*, trata-se talvez de um de seus poemas inconclusos por conta do exílio que sofreu no Ponto Euxino, costa do Mar Negro, região distante de Roma. (Nota da IHU On-Line)

25 Públio Ovídio Naso [conhecido como Ovídio nos países de língua portuguesa] (43 a.C. —18 d.C.): foi um poeta romano que é mais conhecido como o autor de *Heróides*, *Amores*, e *Ars Amatoria*, três grandes coleções de poesia erótica, *Metamorfoses*, um poema hexâmetro mitológico, *Fastos*, sobre o calendário romano, e *Tristia* e *Epistulae ex Ponto*, duas coletâneas de poemas escritos no exílio, no mar Negro. (Nota da IHU On-Line)

tecido da cultura. Destacaria o pensador-poeta Heráclito²⁶ e o poeta-pensador Hesíodo²⁷ entre os que mais me fascinam. Safo²⁸ também foi uma poeta-pensadora de grande importância.

Mas, claro, estou falando apenas da vertente europeia. No que diz respeito a culturas ameríndias, asiáticas, africanas e australianas, o legado vital é gigantesco e só agora está sendo devidamente apreciado no Brasil e noutros países pan-americanos e europeus. Nessa conjunção cada vez maior entre culturas ocidentais e não ocidentais está toda minha esperança no porvir. Infelizmente os governantes atuais fazem tudo para que isso não aconteça. Penso em Biden²⁹ e Putin³⁰, os verdadeiros senhores da guerra em curso, enquanto escrevo essas respostas – a Ucrânia e seu povo massacrado são somente um “pretexto” para as grandes potências nucleares mostrarem sua força. E como isso dói!

IHU – Mais recentemente, o senhor tem avançado numa reflexão mais ampla, que envolve agora a fitoliteratura. Foi o tema de seu singular livro de 2021, dedicado ao “pensamento vegetal”³¹. Como entender esse novo movimento em sua reflexão e na reflexão literária em curso hoje no Brasil?

Evando Nascimento – Lidar com o vasto tema “literatura e plantas”, que é o subtítulo do livro *O pensamento vegetal*, foi um correlato da pesquisa sobre os animais. Como disse anteriormente, minha questão não é a dos humanos ou dos animais em si, como reinos, independentes, mas da relação entre todos os viventes. No livro sobre Clarice, já há um subcapítulo sobre o que chamo *a poética e a estética das sensitivas*. Foi a partir desse esboço que comecei a fomentar nos anos seguintes um es-

26 Heráclito de Éfeso (540 a. C.-470 a. C.): filósofo pré-socrático, considerado o pai da dialética. Problematiza a questão do devir (mudança). Recebeu a alcunha de “Obscuro” principalmente em razão da obra a ele atribuída por Diógenes Laércio, *Sobre a Natureza*, em estilo obscuro, próximo ao das sentenças oraculares. Na vulgata filosófica, Heráclito é o pensador do “tudo flui” (panta rei) e do fogo, que seria o elemento do qual deriva tudo o que nos circunda. De seus escritos restaram poucos fragmentos (encontrados em obras posteriores), os quais geraram grande número de obras explicativas. (Nota da IHU On-Line)

27 Hesíodo: foi um poeta oral grego da Antiguidade, geralmente tido como tendo estado em atividade entre 750 e 650 a.C. Sua poesia é a primeira feita na Europa na qual o poeta vê a si mesmo como um tópico, um indivíduo com um papel distinto a desempenhar. (Nota da da IHU On-Line)

28 Safo: foi uma célebre poetisa grega da ilha de Lesbos, contemporânea de Pítaco e Alceus. É conhecida por sua poesia escrita para ser cantada ao som da lira. A maioria dos poemas de Safo se perdeu ao longo do tempo, assim como ocorreu com praticamente todos os escritores da antiguidade, e o que sobreviveu se encontra na forma de fragmentos, sendo seu único poema completo a chegar aos dias atuais, intitulado “Ode a Afrodite”, preservado por Dionísio de Halicarnasso em sua obra sobre a composição dos nomes; mas há fragmentos considerados suficientemente inteiros, como os do poema Titônio, fragmento 16, fragmento 31 e o Poema dos Irmãos. (Nota da IHU On-Line)

29 Joseph Robinette “Joe” Biden Jr. (1942): advogado e político norte-americano que serve atualmente como o 46.º presidente dos Estados Unidos. Filiado ao Partido Democrata, serviu também como o 47.º vice-presidente de 2009 a 2017 no governo Obama. Entre 1973 e 2009, exerceu seis mandatos consecutivos como senador pelo Delaware, período em que presidiu importantes comitês do Senado. (Nota da IHU On-Line)

30 Vladimir Putin (1952): presidente da Rússia. Também é ex-agente da KGB no departamento exterior e chefe dos serviços secretos soviético e russo, KGB e FSB, respectivamente. Putin exerceu a presidência entre 2000 e 2008, além de ter sido primeiro-ministro em duas oportunidades, a primeira entre 1999 e 2000, e a segunda entre 2008 e 2012. (Nota da IHU On-Line)

31 O pensamento vegetal: A literatura e as plantas (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021). (Nota da IHU On-Line)

tudo concentrado na problemática vegetal, não apenas na obra clariciana mas também na de outros autores, artistas e pensadores.

Para minha surpresa, encontrei todo um movimento de reflexão que ainda não tinha chegado ao Brasil, e que se nomeou, não sem equívocos, como “virada vegetal”. A expressão é ruim porque o termo “virada” (*turn*, em inglês) denota um efeito de moda, como antes se falou na “virada linguística”, na “virada cultural”, na “virada ético-política” e na “virada animal”.

Não é de moda que se trata, até porque também faz parte da tradição ocidental abordar as plantas, embora de forma nem sempre satisfatória. Além disso, culturas ameríndias e afrodescendentes sempre tiveram outra conexão com os demais viventes. Só é virada para quem está viciado nas últimas novidades. Como explico no livro, já na época de Aristóteles³² estava em discussão se as plantas tinham ou não *psyché*, que traduzem como “alma” (termo demasiadamente latino e cristão) e que seria mais bem traduzido como *princípio vital*.

Protagonismo vegetal

A botânica, como tantas outras ciências, foi plenamente constituída entre os séculos XVIII e XIX. Mas então qual a diferença dos novos estudos, surgidos nas últimas décadas? A de dar um papel de protagonista aos vegetais, mostrando como praticamente todos os animais dependem deles para viver.

E mais: ao contrário de certa opinião difundida (*doxa*), as plantas são muito sensíveis, inteligentes e inventivas, nada devendo nesse aspecto aos animais. Esse preconceito contra os vegetais está expresso no verbo *vegetar*, o qual originalmente significava algo como vivificar, dar vida etc., mas em diversas línguas ganhou o sentido de não ter vitalidade ou estar em coma. O sentido positivo do termo latino ainda existe em português, basta consultar o Houaiss, mas ninguém conhece.

IHU – O senhor menciona os trabalhos de Emanuele Coccia³³ e Stefano Mancuso³⁴, entre outros, para indicar essa “nova ontologia dos vegetais”. Qual a importância desses autores e desse

32 Aristóteles de Estagira (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

33 Emanuele Coccia (1976): filósofo de origem italiana, professor da École des Hautes Etudes en Sciences Sociales desde 2011. (Nota da IHU On-Line)

34 Stefano Mancuso (1965): botânico italiano, professor do departamento de agricultura, alimentação, meio ambiente e silvicultura na Universidade de Florença. Ele é o diretor do Laboratório Internacional de Neurobiologia Vegetal, membro do comitê diretor da Society of Plant Signaling and Behavior, editor-chefe da revista Plant Signaling & Behavior e membro do Accademia dei Georgofili. (Nota da IHU On-Line)

novo momento para a reflexão literária?

Evando Nascimento – Faria duas distinções: ambos são italianos, mas Coccia é um filósofo e Mancuso um cientista, então o modo de trabalhar com as plantas é muito distinto, mas também convergente em vários pontos. Coccia, junto com Michael Marder³⁵, é um dos poucos a utilizar ainda hoje a palavra “ontologia” para falar da existência das plantas no sentido que me interessa. Porém, ambos fazem grandes ressalvas ao termo.

No livro, explico por que não endosso em hipótese alguma a “ontologia das plantas”, nova ou antiga, fundamental (Heidegger) ou não, mas não tenho como explicar isso em poucas palavras. Para quem quiser conhecer um pouco mais a esse respeito, remeto ao *Derrida e a literatura* (3ª. ed., É Realizações), no qual falo disso em mais de um capítulo. Só diria que a ontologia, como ela se constituiu sobretudo a partir de Sócrates e Platão, um como discípulo do outro, é um dos maiores problemas da metafísica dita ocidental, legitimando inúmeras discriminações.

Apesar desse viés ontológico, consigo tirar proveito e dialogar com Coccia e Marder, a fim de desenvolver minhas próprias reflexões. Em nenhum momento desejei fazer uma “história das ideias”, por isso não estou preso a simples resenhas críticas do pensamento alheio, mas sim desejando fazer brotar algo de novo, uma flor que dê fruto, como tantas outras nos trópicos.

Ciência nômade

Já Mancuso, Francis Hallé³⁶, Jean-Marie Pelt³⁷ e Anthony Trewavas³⁸, entre outros, são cientistas não deterministas que me dão argumentos empíricos e teóricos extremamente úteis para uma reflexão inovadora. Não sou cientista e por isso escolhi esses que praticam uma espécie de “ciência nômade”, a qual ousa ir além dos dogmas da tradição positivista.

35 Michael Marder: professor e pesquisador de Filosofia na Universidade do País Basco, Vitoria-Gasteiz. Ele trabalha na tradição fenomenológica da filosofia continental, pensamento ambiental e filosofia política. (Nota da IHU On-Line)

36 Francis Hallé (1938): é um botânico e biólogo francês. (Nota da IHU On-Line)

37 Jean-Marie Pelt (1933 - 2015): foi biólogo, botânico e farmacêutico francês. Foi professor da Universidade de Lorena, especializado em plantas medicinais e farmacopeia tradicional, e é autor de vários artigos científicos e livros sobre plantas farmacêuticas, biologia vegetal e ecologia urbana. Era conhecido pelo público francês como o produtor de várias séries de televisão e transmissões de rádio sobre biologia vegetal e ecologia. (Nota da IHU On-Line)

38 Anthony James Trewavas (1939): é professor emérito da Escola de Ciências Biológicas da Universidade de Edimburgo, mais conhecido por suas pesquisas nas áreas de fisiologia vegetal e biologia molecular. Sua pesquisa investiga o comportamento das plantas. (Nota da IHU On-Line)

Por muitas razões, em diversos momentos me sinto mais próximo deles do que dos dois filósofos citados.

Já de Judith Butler³⁹ e Donna Haraway⁴⁰, a proximidade é imensa, não por acaso são duas leitoras de Derrida, feministas, que desenvolveram um pensamento próprio. Todos esses pesquisadores e pesquisadoras nada têm a ver com a *tecnocracia* que domina as ciências ligadas ao universo digital. Sem serem tecnofóbicos nem anti-humanistas, tentam pensar um mais além das oposições metafísicas humanos/máquinas, humanos/animais, humanos/plantas, humanos/coisas etc.

Com Derrida, o diálogo envolve grande parte de minha formação acadêmica, e no capítulo “Derrida e as plantas” faço um ajuste de contas sem cair no clichê do “discípulo que trai o mestre”. Isso não ocorre desde logo porque, apesar de ter sido seu aluno, jamais me considere um discípulo ou seguidor, apenas um leitor atento, que deseja seguir seus próprios passos, com erros e acertos, talvez mais erros do que acertos. E mesmo nas pontuações que faço em relação à obra derridiana, predominam sobrejamente as convergências. Não foi a primeira vez que expus algumas de minhas divergências, mas creio que dessa vez o fiz de forma mais contundente, tentando não ser grosseiro. Para mim, depois de Nietzsche, entre os filósofos europeus que li, Derrida é quem foi mais longe, desde logo pelo fato de não ser apenas mais um “filósofo”, mas um pensador.

IHU – O senhor fala também de uma situação ameaçadora hoje em dia, inclusive para o futuro dos humanos, que relaciona com um “holocausto vegetal”. Como tem desenvolvido essa questão?

Evando Nascimento – Inventei a expressão “holocausto vegetal” a partir do termo *holocausto*, que significa etimologicamente “queimar o todo”, e sob o choque das queimadas e incêndios no Pantanal e na Amazônia em 2019 e 2020, com o incentivo criminoso do desgoverno federal e demais autoridades públicas. Foram dezenas de hectares de terras verdejantes que viraram cinzas, com a conseqüente morte de animais. Uma barbárie que se repete há anos, mas que se intensificou desde que o “Bolsonazista” assumiu o poder.

O capítulo em que trato do assunto assume um tom quase jornalístico ou de “diário de bordo”, porque precisei escrever perante uma realidade que me paralisava de tristeza e raiva. Tenho muita dificuldade de lidar com a morte alheia, e não só a dos humanos, mas a das plantas e dos animais também. Cada vivente que morre estupidamente, por causa de nossas ações desumanas, corrói um tanto de nossa própria humanidade. Razão pela qual falo também de “suicídio coletivo da humanidade”, pois é impossível imaginar que nossa espécie sobreviverá se os animais e

39 Judith Butler (1956): filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria queer, filosofia política e ética. Ela é professora do departamento de Retórica e Literatura Comparada da Universidade da Califórnia, em Berkeley. (Nota da IHU On-Line)

40 Donna Haraway (1944): bióloga, filósofa, escritora e professora nascida nos Estados Unidos. Escreveu diversos livros e artigos sobre ciência e feminismo. Entre seus textos mais destacados está o ensaio Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, publicado originalmente no periódico *Socialist Review*, em 1985. (Nota da IHU On-Line)

as plantas continuarem a ser sacrificados no ritmo alucinante de agora. O mesmo acontece com a extração mineral dentro das florestas e das reservas naturais.

Holocausto vegetal, animal, mineral e humana

No momento em que escrevo estas respostas, mais uma barbárie foi cometida: o indigenista Bruno Pereira⁴¹ e o jornalista Dom Phillips⁴², do *The Guardian*, foram mortos por indivíduos praticantes da pesca ilegal. Os dois faziam uma reportagem sobre a destruição ambiental no Vale do Javari e sobre a ameaça permanente em que vivem os indígenas da região. O holocausto, a destruição cabal, não é só vegetal, mas também animal, humana e até mineral.

A sanha é de aniquilação total, até chegarmos a uma Terra calcinada. A continuar assim, o fim não está muito longe. Nunca fui apocalíptico, mas diante do horror atual, só me resta repetir alguns versos do poema “O sobrevivente”, de Drummond:

“Mas até lá, felizmente,/ estarei morto”. A estrofe final é de enorme lucidez premonitória: “Os homens não melhoraram/ e matam-se como percevejos./ Os percevejos heroicos renascem./ Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado./ E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio”. Mesmo quando não caem lágrimas, costumo chorar muito com o descalabro atual, aqui e alhures.

IHU – Há todo um movimento em curso na antropologia que abre espaço para uma reflexão distinta sobre o lugar dos animais e vegetais na teia da vida. Como o senhor capta esse momento novo para a literatura?

Evando Nascimento – Um dos melhores exemplos disso é “Meu tio o Lauraretê”, de Guimarães Rosa, em que se narra em primeira pessoa a transformação de um personagem em onça. Esse devir-animal foi muito bem refletido por Deleuze e Guattari⁴³ no livro sobre Kafka, *Por uma literatura menor*. A mimese literária tem esse poder de *evocar* (palavra que também contém “voz”) outras linguagens, outras escritas e outras “vozes” não humanas. Não se trata de mera “imitação”, mas de um processo em que a linguagem verbal se deixa contaminar por algo que a excede e que

41 Bruno Pereira [Bruno da Cunha Araújo Pereira] (1980 –2022): foi indigenista e servidor de carreira da Fundação Nacional do Índio (Funai), considerado uns dos maiores especialistas em indígenas isolados ou de recente contato do país e exímio conhecedor do Vale do Javari. Em 5 de junho de 2022, juntamente com o jornalista britânico Dom Phillips, foi assassinado durante uma viagem pelo Vale do Javari, no extremo-oeste do Amazonas. (Nota da IHU On-Line)

42 Dom Phillips [Dominic Mark Phillips] (1964 –2022): foi um jornalista britânico, trabalhou escrevendo para os jornais Washington Post, The New York Times e Financial Times. Morou no Brasil de 2007 a 2022, quando desapareceu e foi morto junto com o indigenista Bruno Araújo Pereira, no Vale do Javari. (Nota da IHU On-Line)

43 Félix Guattari (1930-1992): psicanalista francês, pensador, militante, admirado por movimentos de esquerda alternativos, autor de um dos livros mais discutidos entre os anos 70/80, *O Anti-Édipo*, escrito em parceria com o filósofo francês Gilles Deleuze. Guattari visitou várias vezes o Brasil. (Nota da IHU On-Line)

vem de viventes não humanos e até dos minerais: todos a meu ver são formadores de mundo e dotados de alguma forma de linguagem.

Não há vivente ou não vivente que não tenha seu mundo particular, o qual compartilha com outros reinos e espécies. Há um verso de Cabral de Melo Neto⁴⁴ que eu amo citar: “Viver/ é ir entre o que vive”. Eu acrescentaria: é ir entre o que vive e, também, entre o que aparentemente não vive. Há um entrelaçamento fundamental entre as formas orgânicas e inorgânicas de existência. Essa é toda a diferença do *pensamento vegetal* para a “ontologia fundamental” de Heidegger, que impõe um abismo até entre os humanos e os outros viventes.

IHU – Como o senhor vê em Clarice essa preocupação com o mundo vegetal? Em certo ponto de seu livro, traz que “praticamente ninguém se deu conta da igual relevância dos vegetais na literatura de Clarice”. Poderia nos falar sobre isso?

Evando Nascimento – Esse foi um de meus espantos quando comecei a abordar sistematicamente o tema vegetal em literatura. Benedito Nunes⁴⁵ deve ter sido o primeiro a assinalar a importância dos animais na literatura de Clarice; fez isso numa linguagem assumidamente heideggeriana. Então, há algumas décadas que não é mistério para nenhum leitor atento esse *papel animal* na ficção clariciana.

Usei de propósito o termo *papel*: são *bichos escritos*, em linguagem humana, mas em plena conexão com as linguagens não humanas – penso em especial nesse texto inclassificável “O ovo e a galinha”. E a partir de 1999 propus minha própria leitura da questão animal, que enfim consignei plenamente (mas sem esgotá-la, pois é inesgotável) em *Uma literatura pensante*. Todavia, a não ser por alguns comentários sobre o conto extraordinário “Amor”, em que a personagem Ana vai parar no Jardim Botânico, ou no igualmente fora do comum “A imitação da rosa”, as plantas não chamaram particularmente a atenção dos intérpretes claricianos.

Todo o capítulo do *Pensamento vegetal* intitulado “Clarice e as plantas: a poética e a estética das sensitivas” é para mostrar a potência vegetal como articuladora da ficção pensante de Clarice. Não se tratou de abordar apenas criticamente a temática, mas sobretudo de me conectar plenamente com a seiva vegetal das palavras de Clarice. Razão pela qual

44 João Cabral de Melo Neto (1920-1999): poeta e diplomata brasileiro. Sua obra poética, caracterizada pelo rigor estético, com poemas avessos a confessionalismos e marcados pelo uso de rimas toantes, inaugurou uma nova forma de fazer poesia no Brasil. Membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Brasileira de Letras, foi agraciado com vários prêmios literários. Confira a edição 310 da Revista IHU On-Line, de 5-10-2009, intitulada A segura do sertão nos versos de João Cabral de Melo Neto, disponível para download em <https://bit.ly/2oHHiQt>. Na edição 499 da revista IHU On-Line foi publicado um dossiê sobre a obra de João Cabral de Melo Neto, disponível em <http://bit.ly/2wZeOUd>. (Nota da IHU On-Line)

45 Benedito Nunes: é autor de estudos sobre Mario Faustino e Clarice Lispector e de uma vasta obra. Estudioso dos pensadores alemães, sobretudo de Kant, Heidegger e Nietzsche, suas análises procuram transitar nas fronteiras entre o devaneio criador e a análise conceitual. É nesse sentido que a recepção de Benedito Nunes propõe uma dimensão lírica-existencial-crítica, única no ensaísmo brasileiro. Discute a tradição clássica em que a literatura e a filosofia estão interligadas, ora de maneira litigiosa, ora passivamente. Mostra a inseparabilidade dos princípios metafísicos com os poéticos e explica como é legitimado o diálogo. O filósofo, crítico e escritor foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará. Autor de O Mundo de Clarice Lispector (São Paulo: Ática, 1966), Oswald Canibal (São Paulo: Perspectiva, 1979) e O Crivo de Papel (São Paulo: Ática, 1999). (Nota da IHU On-Line)

fiz várias incursões ao Jardim Botânico do Rio, sempre em busca de uma experiência com as alteridades a meu redor.

Minhas origens rurais ajudaram bastante, tendo morado um ano em fazenda. Como disse na mesa da Festa Literária de Paraty - Flip, de que participei com Mancuso: sou filho de Nhe'ery, que é o termo utilizado pelos guaranis para designar o que nós chamamos de Mata Atlântica. Com esse estudo vegetal, me reconectei com minhas raízes, que são móveis e até "aéreas". Como Drummond, me sinto a meu modo um "fazendeiro do ar".

IHU – É algo que também ocorre na literatura de Rosa, por exemplo, a forma de Diadorim apresentar a Riobaldo a riqueza do bioma do Cerrado. Isto também poderia abrir um campo de reflexão?

Evando Nascimento – Sem dúvida! A finalidade de uma pesquisa como a minha não é nem de longe a de esgotar uma temática que eu sei infinita. Ao contrário, é despertar nos jovens e nos pesquisadores sêniores (do CNPq ou não) o desejo de investigar essas questões noutros autores e autoras, bem como nas artes plásticas e no cinema etc. E, de fato, desde que comecei a fazer palestras e a publicar ensaios, muitos dos quais se encontram on-line desde 2017, surgiram pesquisadores que dialogam com meu trabalho e desenvolvem suas próprias reflexões.

A problemática vegetal em Rosa, só para aproveitar seu exemplo, é assunto para mais de uma tese de doutorado, sobretudo se se cotejar o texto literário com as inúmeras cadernetas com nomes de plantas e bichos que estão no IEB da USP! É uma verdadeira enciclopédia botânica e zoológica, decerto também mineral. O mesmo vale para outros autores. Como concluí com meus colegas da Flip: ao atentar para a "literatura e as plantas", é toda uma nova biblioteca que se descobre na própria casa, basta ter olhos para reler...

IHU – Essa é uma preocupação que provoca igualmente a reflexão poética brasileira? O senhor percebe um impacto dessa nova mudança também na poesia?

Evando Nascimento – A poesia sempre esteve atenta às plantas, embora muitas vezes apenas como metáforas e símbolos para a existência humana. No Brasil, Leonardo Fróes⁴⁶ reconhecidamente foi um dos primeiros a se vincular às questões ambientais, inclusive como cronista, já nos anos de 1970. Não por acaso, optou por morar na região serrana

⁴⁶ Leonardo Fróes (1941): poeta, tradutor, jornalista, naturalista e crítico literário brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

do estado do Rio, deixando a capital. Edimilson Pereira⁴⁷ é mais jovem, de minha geração, e já há algum tempo escreve também poemas inspirados na vegetação e correlatos. Ambos estão comentados em meu livro vegetal, junto com diversos outros e outras, inclusive indígenas.

Creio que a tendência é cada vez mais termos uma literatura atenta ao que acontece nesses reinos vicinais, dos animais, dos minerais e das plantas. Me chamou a atenção a quantidade de mulheres voltadas para essa vertente literária: entre outras, a norte-americana Louise Glück⁴⁸, Josely Vianna Baptista⁴⁹, Ana Maria Martins⁵⁰, Júlia Hansen⁵¹, Adriana Lisboa⁵² e minha grande amiga Maria Esther Maciel⁵³, que há alguns anos pesquisa o tema literatura e animalidade, tendo inclusive lançado um livro na Coleção Contemporânea, que dirijo na Civilização Brasileira.

Em nenhum momento me preocupei em fazer um mapeamento completo dessas questões em literatura, por duas razões: é uma tarefa gigantesca e só pode ser realizada coletivamente por vários pesquisadores; e, também, porque não tenho uma ambição generalizante: gosto de fazer recortes mais ou menos motivados, e a partir deles desenvolvo minhas próprias reflexões. Todos os meus ensaios funcionam assim: o desejo não

47 Edimilson de Almeida Pereira (1963): poeta, ficcionista, ensaísta, professor e pesquisador da cultura e da religiosidade afro-brasileiras. Graduou-se em Letras pela UFJF em 1986, sendo também Especialista e Mestre em Ciência da Religião pela mesma Instituição. cursou ainda o Mestrado em Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e é Doutor em Comunicação e Cultura pelo convênio UFRJ-UFJF. Em março de 2002, concluiu Pós-doutorado em Literatura Comparada na Universidade de Zurique, na Suíça. (Nota da IHU On-Line)

48 Louise Glück (1943): é uma poetisa e ensaísta estadunidense. Ela ganhou muitos prêmios literários importantes nos Estados Unidos, incluindo a Medalha Nacional de Humanidades, o Prêmio Pulitzer, o Prêmio Nacional do Livro, o Prêmio National Book Critics Circle Award e o Prêmio Bollingen, entre outros. Em 2020, ela foi laureada com o Prêmio Nobel de Literatura “por sua inconfundível voz poética que com austera beleza torna universal a existência individual”. (Nota da IHU On-Line)

49 Josely Vianna Baptista (1957): poeta, tradutora e escritora. Entre seus livros, estão: Ar (1991), Corpografia (1992), este em colaboração com o artista plástico Francisco Faria, A concha das mil coisas maravilhosas do velho caramujo (2001), que, no ano seguinte, recebeu o VI Prêmio Internacional Del Libro Ilustrado Infantil y Juvenil del Gobierno Del México. Em 1996, criou a coleção Cadernos da Ameríndia, dedicada a temas do repertório cultural e textual de etnias indígenas sul-americanas. (Nota da IHU On-Line)

50 Anna Maria Martins (1924 —2020): foi uma escritora e tradutora brasileira. Estudou na Faculdade Sedes Sapientiae, mas não concluiu o curso. Iniciou a carreira fazendo tradução e estreou como escritora com A Trilogia do Emparedado e outros contos, pelo qual recebeu o 15.º Prêmio Jabuti na categoria autor estreado, em 1973. Foi assessora cultural de Almino Afonso, então vice-governador de São Paulo. Seus primeiros contos foram publicados no jornal Folha de S. Paulo. Romancista, cronista, ensaísta, contista e tradutora, dirigiu a Oficina da Palavra na Casa Mário de Andrade e traduziu para o português obras de Maurice Leblanc, Agatha Christie, Aldous Huxley, Heinrich Heine, O. Henry, Ray Bradbury, John Kenneth Galbraith e Herman Melville, entre outros. (Nota da IHU On-Line)

51 Júlia de Carvalho Hansen (1984): poeta, astróloga e editora. Formada em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), é mestre em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa. Publicou títulos no Brasil e em Portugal, entre eles Cantos de estima (edição da autora, 2009 e Douda Correria, 2015); O túnel e o acordeom (Não Edições, 2013); Alforria blues ou Poemas do Destino do Mar (2013) e Seiva veneno ou fruto (2016), estes dois pela Chão da Feira – iniciativa editorial que realiza com outras três editoras mulheres. (Nota da IHU On-Line)

52 Adriana Lisboa (1970): escritora brasileira. Cresceu em sua cidade natal, o Rio de Janeiro. Morou na França, em Paris e Avignon, e desde 2007 vive a maior parte do tempo nos Estados Unidos. É autora de seis romances, além de poemas, contos e histórias para crianças. Seus livros foram traduzidos ao inglês, francês, espanhol, alemão, árabe, italiano, sueco, romeno e sérvio, e publicados em catorze países. Recebeu o Prêmio José Saramago, em Portugal, pelo romance Sinfonia em branco, o Prêmio Moinho Santista, no Brasil, pelo conjunto de seus romances, e o prêmio de autor revelação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) por Língua de trapos. (Nota da IHU On-Line)

53 Maria Esther Maciel: escritora e professora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. É mestre em Literatura Brasileira pela UFMG e doutora em Literatura Comparada pela mesma instituição, com Pós-Doutorado em Cinema pela Universidade de Londres. Integra o projeto internacional “Problematising Global Knowledge -The New Encyclopaedia Project”, do Theory, Culture & Society Centre, da Nottingham Trent University (Inglaterra). (Nota da IHU On-Line)

é de abarcar o todo (se isso é possível...), mas sim de, com uma seleção prévia, propor interpretações diferenciais.

Ao longo do percurso obviamente o corpus inicial é ampliado – sem isso não existe a *aventura do pensamento*, que para mim é o que mais conta. Gosto de ter o acaso a meu favor, sem medo de errar, se possível tornando o erro parte do processo. Em síntese: pouco me interessam as abordagens abstratizantes – meu trabalho se propõe a uma *experiência vital*, que é antes de tudo *corporal*, no que o corpo tem de intelecto e de sensibilidade, inseparavelmente.

IHU – O antropólogo Tim Ingold⁵⁴ e também o estudioso de fungos Merlin Sheldrake⁵⁵, em seu livro *A trama da vida*⁵⁶, falam no emaranhamento que marca a trilha da vida, irmanando bichos, plantas, humanos e coisas. Ingold diz em sua obra *Estar vivo* que o entrelaçamento é a “textura do mundo”. O que dizer a respeito?

Evando Nascimento – Os fungos são um domínio conexo ao das plantas e de tudo o que é vivo e até do não vivo. Eles estão em toda parte, inclusive em nossos corpos. Essa teia fúngica é realmente global, constituindo um dos mais importantes canais de comunicação entre todos os viventes. É claro que essa “comunicação” nem sempre é saudável, pois há cogumelos venenosos para outras espécies, por exemplo. Trato dis-

54 Tim Ingold (1948): antropólogo britânico, professor da Universidade de Aberdeen. Frequentou o Churchill College, Cambridge, inicialmente estudando ciências naturais, mas mudando para antropologia, tendo concluído seu bacharelado em Antropologia Social em 1970 e seu doutorado em 1976. Seu trabalho de doutorado foi realizado com os Skolt Saami do nordeste da Finlândia, estudando suas adaptações ecológicas, organização social e política étnica. Ingold lecionou na Universidade de Helsinque (1973–1974) e depois na Universidade de Manchester. Em 1999, mudou-se para a Universidade de Aberdeen. Em 2015, ele recebeu o doutorado honorário pela Leuphana University of Lüneburg (Alemanha). (Nota da IHU On-Line)

55 Merlin Sheldrake: é biólogo e escritor com formação em ciências de plantas, microbiologia, ecologia e história e filosofia da ciência. Ph.D em ecologia tropical pela Universidade de Cambridge, trabalha com redes de fungos subterrâneos em florestas tropicais no Panamá, onde foi pesquisador de pré-doutorado do Smithsonian Tropical Research Institute. É pesquisador associado da Vrije University Amsterdam, trabalha com a Society for the Protection of Underground Networks (SPUN) e faz parte do conselho consultivo da Fungi Foundation. (Nota da IHU On-Line)

56 São Paulo: Fósforo Editora, 2021. (Nota da IHU On-Line)



so de passagem, em diálogo com Mancuso, mas não abri um capítulo separado porque seria um longo desvio, e o livro, que não é pequeno, ficaria bem maior.

De qualquer modo, em mais de um momento sublinho os aspectos relacionais da vida, explicando como, numa floresta, ao contrário do que nós urbanoides imaginamos, tudo está interligado. É um grande erro a leitura rasa que se faz de Darwin, supondo que a seleção natural é uma espécie de corrida de obstáculos. Bem lido, *A origem das espécies* é um livro muito mais sutil e complexo do que a vulgata expressa. Como têm sublinhado diversos biólogos, em especial botânicos como Trewavas e Pelt, a vida não é só competição, há muita colaboração entre fungos, bactérias, plantas, animais e humanos.

Uma visão tacanha da existência é que nos acostumou a colocar cada reino e cada espécie dentro de escaninhos separados e antagônicos. Alguém consegue viver sem cultivar plantas e/ou criar animais, direta ou indiretamente? O que seria da polinização sem a ajuda de insetos e, também, dos humanos? O que aconteceria com os herbívoros que nós humanos devoramos (aves e gado) sem as deliciosas plantinhas? Essa obviedade é cotidianamente ignorada por causa do preconceito antropocêntrico. Nem as diversas predações entre os viventes são uma guerra como se costuma conceber. A competição entre as espécies é apenas um dos fatores para a sobrevivência geral da própria vida.

Assassinos? Sanguinários?

Toda vez que, assistindo a um programa sobre bichos na TV a cabo, ouço o comentarista falar de “orcas assassinas” ou de “tubarões sanguinários”, estremeço – logo nós, que todos os dias matamos sanguinariamente diversas espécies para nos alimentarmos, vamos posar de moralistas isentos?! E muitas vezes comemos bem mais do que necessitamos, por pura crueldade voraz.

Nada tenho contra o consumo de carne vermelha ou branca, pois acho que também faz parte do cardápio da espécie, definido milênios atrás. Não sou vegetariano nem vegano, mas acho escandaloso o consumo abusivo de proteína animal. O que os nutricionistas dizem é que, por exemplo, carne vermelha uma vez por semana bastaria, para adquirirmos a quantidade de vitaminas e ferro que ela nos fornece. Há pessoas que comem bifes e afins duas ou três vezes ao dia.

IHU – É possível constituir uma particular sintonia dessa reflexão com o pensamento do Mestre Dogen⁵⁷, que inaugurou o Soto

57 Dogen (1200 –1253): foi um mestre zen-budista japonês nascido em Kyôto. Dogen fundou a escola Soto de zen. Ele foi uma figura religiosa proeminente em seu tempo, bem como um filósofo importante. Dogen é conhecido pela sua obra “Tesouro do Olho do Dharma verdadeiro” (Shôbôgenzô), uma coleção de 95 fascículos relacionados à prática budista e à iluminação. (Nota da IHU On-Line)

Zen⁵⁸. Ele nos diz em seu Shôbôgenzô que a nossa incapacidade de ver o movimento dos rios e montanhas expressa, na verdade, a nossa incapacidade de perceber o nosso movimento. O senhor chegou a pensar nessa relação da nova reflexão em curso com o pensamento Zen?

Evando Nascimento – Há uma série de saberes tradicionais que precisei deixar de lado na pesquisa, pelo simples motivo de que o livro é antes de tudo um ajuste de contas com a filosofia e as ciências ocidentais, fundadas na racionalidade logocêntrica. Minha formação teórica, com autores como Derrida, Barthes⁵⁹, Foucault⁶⁰ e Deleuze⁶¹, me permitiu “desconstruir” ou, como hoje prefiro, *disseminar* uma forma de pensamento mais além das teses metafísicas tradicionais de Aristóteles, Hegel ou Kant. Nietzsche na verdade foi o primeiro a me abrir os olhos para uma realidade outra, muito além do humano. As leituras que fiz no mestrado, quando tinha vinte e poucos anos, do *Zaratustra*, da *Gaia ciência* e da *Genealogia da moral* me permitiram uma conexão diferenciada com o humano e todos os seus “outros”: gatos, cacauzeiros e rochedos. Ou seja, o próprio “Ocidente” produziu desde o século XIX o antídoto ou *phármakon* para suas teses hiper-racionalistas.

O único saber não ocidental com que dialoguei no livro foi o de alguns indígenas brasileiros, como Ailton Krenak, Sonia Guajajara⁶², Davi Kopenawa⁶³ e João Paulo Barreto⁶⁴ – este último pertence à etnia Tukano

58 Sôtô: é uma escola japonesa de Zen Budismo. Ela descende da escola chinesa Caodong, e foi levada ao Japão por Dogen Zenji (1200-1253). Atualmente, é a escola de Zen com maior presença no Ocidente. (Nota da IHU On-Line)

59 Roland Barthes (1915-1980): crítico literário, sociólogo e filósofo francês. Entre suas obras se destacam *Elementos de semiologia* (1965), *Sistema da moda* (1967), *O Império dos signos* (1970). (Nota da IHU On-Line).

60 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 6-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 6-6-2011, intitulada ‘História da loucura’ e o discurso racional em debate, disponível em <https://goo.gl/wjqFL3>; edição 343, *O (des)governo biopolítico da vida humana*, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua*. Um debate, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética. (Nota da IHU On-Line)

61 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos e singularidades. (Nota da IHU On-Line)

62 Sônia Bone Guajajara (1974): é uma líder indígena brasileira, formada em Letras e em Enfermagem, especialista em Educação especial pela Universidade Estadual do Maranhão. Recebeu em 2015 a Ordem do Mérito Cultural. Sua militância em ocupações e protestos começou na coordenação das organizações e articulações dos povos indígenas no Maranhão - COAPIMA e levou-a à coordenação executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – APIB. Antes disso ainda passou pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira - COIAB. Foi pré-candidata à vice-presidência em chapa com Guilherme Boulos, pelo PSOL. (Nota da IHU On-Line)

63 Davi Kopenawa Yanomami (1956): escritor e líder indígena brasileiro. Ainda criança, viu a população de sua terra natal ser dizimada por duas epidemias, ambas trazidas pelo contato com o homem branco. Trabalhou na Fundação Nacional do Índio como intérprete. Mudou-se para a aldeia Watorik+ na década de 1980. Casou-se com a filha do pajé e se tornou chefe do posto indígena Demini. Foi um dos responsáveis pela demarcação do território Yanomami em 1992. Recebeu o prêmio ambiental Global 500 da ONU. Em 2010, viu sua autobiografia, *La chute du ciel*, escrita em parceria com o antropólogo francês Bruce Albert, ser lançada na França. O livro teve tradução para o inglês, francês e italiano e sua edição em português saiu em 2015 sob o título *A queda do céu*. Palavras de um xamã yanomami (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da IHU On-Line)

64 João Paulo Lima Barreto ou João Paulo Tukano: ativista indígena do povo Ye'pamahsã (Tukano), antropólogo e professor na Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Foi o primeiro indígena a defender o doutorado em antropologia pela UFAM. Ele nasceu na comunidade São Domingos, na região norte do Brasil. Trabalhou no ensino fundamental e superior e também em organizações indígenas do Amazonas. É, ainda, idealizador e cofundador do Centro de Medicina Indígena da Amazônia, uma clínica criada em 2017 especificamente para servir o povo indígena. (Nota da IHU On-Line)

e foi um de meus parceiros na Flip. Em meu estudo, foi um verdadeiro deleite aproximar as metáforas botânicas de Hegel ao que dizem os indígenas sobre as plantas, os animais, as pedras e as florestas. É para mim um dos pontos altos do livro; claro que os leitores podem discordar.

O pensamento indígena ajuda muitíssimo bem a “desconstruir” ou a *disseminar* a dialética hegeliana. O filósofo alemão deve ter se revirado no túmulo, ele que dizia que somente o europeu pensa de fato.

IHU – Essa reflexão hoje em curso, apontada, por exemplo, por Emanuele Coccia em seu livro *Metamorfoses*, vem indicar um novo modo de trabalhar com a ideia de morte, que envolve a ideia de uma “reintegração ao inorgânico”?

Evando Nascimento – Um pensamento radical da morte, sem temor nem tremor, está em Clarice e em Derrida, bem como em muitos outros escritores-pensadores. Gilberto Gil⁶⁵ fez também algumas lindas canções, em que diz, por exemplo, “Se a morte faz parte da vida,/ E se vale a pena viver,/ Então morrer vale a pena,/ Se a gente teve o tempo para crescer,/ Crescer para viver de fato/ O ato de amar e sofrer./ Se a gente teve esse tempo,/ Então vale a pena morrer” – há outras composições de igual teor, de uma sabedoria única.

Um dos elementos que mais recalcamos nas culturas ocidentais é nossa relação com a morte. É disso que fala esse texto extraordinário de

65 Gilberto Gil (1942): cantor, compositor, multi-instrumentista, escritor, ambientalista e empresário nascido em Salvador (BA), um dos criadores do Movimento Tropicalista nos anos 1960. Conhecido por sua inovação musical e por ser ganhador de prêmios Grammys. Recebeu do governo francês a Ordem Nacional do Mérito (1997) e da Unesco o título de “artista pela paz” (1999). Gil foi embaixador da ONU para agricultura e alimentação e ex-ministro da Cultura (2003-2008). Em mais de 50 álbuns lançados, ele incorpora a gama eclética de suas influências, incluindo rock, gêneros tipicamente brasileiros, música africana e reggae. Sua carreira musical começou em 1964, quando cursava Administração na Universidade Federal da Bahia, e participou do show Nós, Por Exemplo, ao lado de Caetano Veloso, Tom Zé, Gal Costa e Maria Bethânia, na inauguração do teatro Vila Velha, em Salvador. Em 1965, mudou-se para São Paulo. No ano seguinte, sua música Ensaio geral, interpretada por Elis Regina, ficou em 5º lugar no 2º Festival de Música Popular Brasileira (FMPB), realizado pela antiga TV Record. Em 1967, a música Domingo no parque, que cantou junto com os Mutantes, ficou em 2º lugar no 3º FMPB. Nesse mesmo ano lançou seu primeiro disco, Louvação. O 3º FMPB foi o ponto de partida para o Tropicalismo, que Gil participou junto com Caetano Veloso, Torquato Neto, Tom Zé e Rogério Duprat, entre outros. Em 1968, lançou Gilberto Gil, com 14 músicas, entre elas Procissão e Domingo no parque. Lançou também um disco manifesto, intitulado Tropicália, do qual participaram também Caetano, Gal Costa, Os Mutantes, Tom Zé e Torquato Neto. O Movimento Tropicalista foi considerado subversivo pela ditadura militar, e Gil foi preso, junto com Caetano Veloso. Em 1969, ambos se exilaram na Inglaterra. Nesse mesmo ano, foi lançado Gilberto Gil (1969), onde se destacou a música Aquele abraço. No início de 1972, Gilberto Gil voltou ao Brasil e em seguida lançou Expresso 2222. Em 1976, junto com Caetano, Gal e Betânia, formaram o conjunto Doces Bárbaros, que rendeu um álbum e várias turnês pelo país. Em 1978, se apresentou no Festival de Montreux, na Suíça. Nesse mesmo ano ganhou o Grammy de Melhor Álbum de World Music com Quanta Gente Veio Ver. Em 1980, lançou uma versão em português do reggae No Woman, No Cray (Não Chores Mais), sucesso de Bob Marley. Entre 1989 e 1992, foi vereador na Câmara Municipal de Salvador, pelo Partido Verde. Em 2003, foi nomeado ministro da Cultura, se desligando em janeiro de 2008, para se dedicar à carreira musical. Depois de três casamentos, o músico está casado com Flora Gil, que conheceu em 1979. Sobre Gil e Caetano, a IHU On-Line dedicou um tema de capa especial na edição 476, intitulada Ousadia e sensibilidade. Caetano e Gil, duas vidas em uma só, publicada em 03/11/2015, disponível em <https://bit.ly/3rKoyzm>. (Nota da IHU On-Line)

Freud⁶⁶, *Das Unheimliche*, título que não tem equivalente noutras línguas, mas foi vertido como o “estranho”, “l’inquiétant étrange”, “l’étrange familier”, “the uncanny”, “lo siniestro” etc. O próprio Freud fez uma pesquisa vocabular, no alemão e noutras línguas, para entender o conteúdo semântico desse termo “esquisito” (uma vez o traduzi assim). É um dos ensaios fundamentais sobre o “retorno do recaiado”, e que dialoga implicitamente com o “eterno retorno” de Nietzsche. Em dado momento, Freud diz que poderia ter começado com exemplos de morte, porque a morte é *unheimlich* por excelência.

Como todo vivente, tenho medo da morte por não saber o que há do outro lado, o *undiscovered country* de Hamlet⁶⁷, nem mesmo se há “outro lado”. Todavia, esses autores que leio desde muito jovem me ensinaram a encará-la como um processo intrínseco à vida, e que começa desde o nascimento. Costumo dizer até que começou quando as duas células reprodutivas de nossos pais se encontraram – ali principiamos a correr todos os riscos que podem dar cabo de nossa existência. Há uma frase extraordinária de Proust⁶⁸, que cito no *Derrida e a literatura*, na qual ele diz que já morreu diversas vezes, desde que nasceu.

Parafrazeio aqui propositalmente de memória, porque nesse caso, como noutros, me importa o modo como recebo e interpreto o pensamento do outro, conectando-o a minha própria experiência vital, literária e artística. Essa é uma estratégia fundamental do ensaísta, do escritor e do artista visual que me tornei, segundo meus e minhas intérpretes: oscilar entre a mais estrita filologia e a mais livre interpretação – ambas as categorias se encontram em Nietzsche. Sem imaginação inventiva, não há pensamento, apenas erudição vazia. É preciso ousar, com o risco de errar – se não der certo, reavalia-se o percurso intencionado e se tenta de novo.

Aprender a morrer e viver

Em síntese: é por ter aprendido a morrer e a renascer constantemente que pude escrever esse livro de título estranho (*unheimlich*): *O pensamento vegetal*. Quem conhece meus problemas de saúde nos últimos anos, dos quais quase nunca falo, sabe do que se trata. Temo, mas não

66 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista nascido em Freiberg, Tchecoslováquia. É o fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Desenvolveu a ideia de que as pessoas são movidas pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século 19 e continuam ainda muito debatidos. A edição 179 da IHU On-Line, de 8-5-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título Sigmund Freud. Mestre da suspeita, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 4-12-2006, tem como tema de capa Freud e a religião, disponível em <https://goo.gl/wL1FIU>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título Quer entender a modernidade? Freud explica, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da IHU On-Line)

67 A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca: geralmente abreviada apenas como Hamlet, é uma tragédia de William Shakespeare, escrita entre 1599 e 1601. A peça, situada na Dinamarca, reconta a história de como o Príncipe Hamlet tenta vingar a morte de seu pai, Hamlet, o rei, executado por Cláudio, seu irmão, que o envenenou e em seguida tomou o trono casando-se com a rainha. A peça traça um mapa do curso de vida na loucura real e na loucura fingida — do sofrimento opressivo à raiva fervorosa — e explora temas como a traição, vingança, incesto, corrupção e moralidade. (Nota da IHU On-Line)

68 Marcel Proust [Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust] (1871-1922): escritor francês célebre por sua obra *À la recherche du temps perdu* (Em busca do tempo perdido), publicada em sete volumes entre 1913 e 1927. (Nota da IHU On-Line)

sinto pavor da morte, simplesmente porque já a conheci de perto, vi sua cara mais de uma vez e ela estava “viva”, como muito bem disse o saudoso Cazuza⁶⁹.

Ri dela e ela riu de mim, pois sabe que a partida para nós viventes está desde sempre perdida – tema do belíssimo *O sétimo selo*⁷⁰, de Bergman⁷¹. Perdida em termos, pois o ciclo vital jamais termina: cada vida que se dissipa acaba por se reintegrar ao orgânico e ao inorgânico. A teia vital se retroalimenta sem cessar, bastando observar o trabalho dos vermes, dos fungos e das bactérias, entre outros agentes.

Tenho horror apenas ao sofrimento brutal. Sartre⁷² e Blanchot⁷³ disseram a mesma frase: *Souffrir est abrutissant*, sofrer é embrutecedor. Morrer é tão “natural” como comer, respirar, caminhar, amar. Sofrer de forma desmedida e aparentemente gratuita é atroz, a não ser para os que creem no sofrimento como forma de ascese, mas isso nada tem a ver comigo. Queria morrer como Lou Reed e outros privilegiados: olhando o jardim através da janela. Que linda despedida da existência! E, aliás, contrariamente ao que é comum sobretudo no “Ocidente”, tendo a celebrar as vidas bem vividas quando se findam e não a lamentar sua perda. E “bem vivida” inclui altas doses de alegria, tédio e sofrimento, sem idealizações.

Por outro lado, um certo nível de sofrimento é inevitável e deve ser incorporado como parte do processo vital. O que também está em Nietzsche: a afirmação da vida mesmo na dor. E isso com certeza está igualmente em muitas culturas não ocidentais. Já o capitalismo quer nos vender um mundo asséptico, indolor, com o gozo sem fim que o consumismo permite. Espero que a pandemia tenha ensinado muitas pessoas ao menos a entender a necessidade do luto, sem denegá-lo em função de uma alegria ilusória e constante.

IHU – Sua reflexão vai ainda mais longe quando busca captar as pesquisas inovadoras no campo da biologia, quando fala em rizoma, micorrizas e fungos, ou seja, num “mundo invisível” que

69 Cazuza (1958-1990): cantor e compositor brasileiro que ganhou fama como vocalista e principal letrista da banda Barão Vermelho. Sua parceria com Roberto Frejat foi criticamente aclamada. (Nota da IHU On-Line)
70 *O Sétimo Selo*: filme sueco de 1956, do gênero drama, escrito e dirigido por Ingmar Bergman. O filme é baseado numa peça de teatro de autoria do diretor. O filme ambienta-se em um dos mais obscuros e apocalípticos períodos da Idade Média europeia. O título é uma remissão ao livro bíblico denominado Apocalipse ou Revelação. Segundo esta escritura, na mão de Deus há um livro selado com sete selos e a abertura de cada um destes selos implica num malefício sobre a humanidade, mas a abertura do sétimo é o que leva efetivamente ao fim dos tempos. (Nota da IHU On-Line)

71 Ernst Ingmar Bergman (1918-2007): dramaturgo e cineasta sueco. Estudou na Universidade de Estocolmo, onde se interessou por teatro e, mais tarde, por cinema. Iniciou a carreira em 1941, escrevendo a peça teatral “Morte de Kasper”. Em 1944, desenvolveu o primeiro argumento para o filme “Hets”. Realizou o primeiro filme em 1945, “Kris”. Seus trabalhos lidam geralmente com questões existenciais, como a mortalidade, a solidão e a fé. Sobre o cineasta, confira a entrevista com Andreia Vasconcelos, intitulada Bergman e o contínuo turbilhão contraditório da dúvida existencial, publicada na revista IHU On-Line número 412, de 18-12-2012, disponível em <http://bit.ly/2eX8g0Z>. (Nota da IHU On-Line)

72 Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo* como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias Baudelaire (1947) e Saint Genet (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da IHU On-Line)

73 Maurice Blanchot (1907-2004): filósofo, romancista, crítico literário e jornalista francês, autor de *O espaço literário* (Rio de Janeiro: Rocco, 2000), *Pena de morte* (Rio de Janeiro: Imago, 1991) e *El paso (no) más Allá* (Barcelona: Paidós, 1994). (Nota da IHU On-Line)

nos rodeia e sustenta, e que é essencial para a nossa sobrevivência. Fala-se hoje em inter-relação com esse mundo. Pode nos falar algo a respeito?

Evando Nascimento – Respondi essa questão em parte anteriormente. Não foi o tema principal da pesquisa, mas o trouxe para o livro porque me ajudou a pensar uma *estrutura descentrada* para a vida. Há três centramentos que ocorrem na história das culturas ocidentais e que estão em vias de forte abalo: teocentrismo, antropocentrismo e zocentrismo. Como biblicamente se sabe, Deus foi criado à nossa imagem e semelhança, fazendo do antropocentrismo um teocentrismo, e vice-versa (invertei a sentença bíblica de propósito, pois o que se diz é que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança). É o que chamo de *narcisismo antropodivino*.

Quando as ciências ditas naturais se estabeleceram na modernidade, o humano foi sem dúvida o objeto de maior preocupação. E como guardamos muitas relações fisiológicas e fisionômicas com os animais, a zoologia forneceu de algum modo o modelo para estudar a vida. As plantas ficaram em último plano, só perdendo para os fungos, as algas e as bactérias. Ora, rizomas, fungos e micorrizas são estruturas acêntricas, sem começo, meio e fim determinados, fornecendo um padrão diferencial para se estudar os fenômenos da vida. *Descentramento* é um termo decisivo no Derrida dos anos 1960, assim como rizoma será para Deleuze e Guattari nas décadas seguintes. E a *ficção* é eminentemente descentrada e rizomática: penso, por exemplo, nas inúmeras entradas e saídas, ou melhor, nas inúmeras *bifurcações* que têm os textos de Borges, o autor da escrita-labirinto. O papel inespecífico das ficções é inventar outros mundos habitáveis, ainda que seja apenas na imaginação. Porém esses mundos outros podem, com efeito, influenciar os nossos mundos reais, tornando-os mais respiráveis. Para mim, são ficções efetivas: a literatura, as artes, a filosofia & as ciências. De todas careço em igual medida, não abro mão de nenhuma.

IHU – É possível se inspirar nas formas de “ressurgência” observadas nesse mundo invisível para encontrar caminhos de sobrevivência para o “homem humano”?

Evando Nascimento – Essa é a chave por excelência para o humano conseguir não só sobreviver, mas até *superviver*, o qual, para mim, é o viver mais e melhor, como há anos defendo. Ou aprendemos a lidar com essas “estranhas formas de vida”, que são as plantas, os animais, os fungos, as algas, as bactérias e até os vírus (estes, como se sabe, são um híbrido de vivo e de morto), ou pereceremos muito em breve como espécie. A pandemia terrível que sofremos desde final de 2019 é a prova cabal

de que algo de muito errado está acontecendo com nossa humanidade, a qual se revela tantas e tantas vezes cruel, desumana e bárbara.

E infelizmente isso não é privilégio do “Ocidente” – basta pensar nas autocracias do Irã, da Turquia e da China, para ver que a asfixia da democracia ocorre em lugares diversos. E onde não há liberdade para o pensamento se expandir, não há vida que perdure. Pensamento não é para mim em absoluto o ato de refletir para se afirmar que “existo” (como estipulou Descartes). Pensamento é tudo o que acontece em nossa abertura para as alteridades. Pensar é uma experiência de transformação de si com o outro, pelo outro, para o outro. E para não nos fixarmos no masculino, tenho utilizado cada vez mais esse pronome que caiu em desuso: *outrem*. Pensar é saber aprender não apenas consigo mesmo, mas sobretudo com *outrem*. *Outrem* que também somos. Pensar é, portanto, da ordem de um acontecimento e não da mera consciência autorreflexiva.

Grande parte de meu trabalho está voltado para essa zoopolítica e essa fitopolítica, em defesa dos animais, das plantas e da vida em geral, sobretudo em regimes neofascistas como o atual no Brasil. Foi lutando em defesa da floresta amazônica e dos povos que nela habitam que foram assassinados Bruno Pereira e Dom Phillips. É preciso combater com todas as forças vitais esse terror sem fim.

IHU – O senhor já destacou sua presença na última Flip, dedicada à virada vegetal. Qual relevância que concede ao evento?

Evando Nascimento – Dei a máxima importância, foi uma das melhores (e mais difíceis) coisas que me aconteceram. Apesar das muitas críticas, justas ou injustas, que a Flip sofreu e sofre, continua sendo o evento literário mais prestigioso do país. Sua relevância pode ser medida pelas inúmeras “Flips” que surgiram Brasil afora, com nomes adaptados ao local de realização: Fliaraxá, Fliporto, Flica etc. Tivemos um trabalho desmesurado para fazer uma programação diversificada com muitos autores brasileiros e estrangeiros. A preocupação também era grande com o equilíbrio de gênero e étnico: *negr’s*, *branc’s*, indígenas, uma coreana, uma moçambicana. Alguns são nomes consagradíssimos, como Conceição Evaristo⁷⁴, Itamar Vieira Júnior⁷⁵, Ana Maria Martins, Margareth

⁷⁴ Maria da Conceição Evaristo de Brito (1946): linguista e escritora brasileira. Agora aposentada, teve uma prolífica carreira como pesquisadora-docente universitária. É uma das mais influentes literatas do movimento pós-modernista no Brasil, escrevendo nos gêneros da poesia, romance, conto e ensaio. Como pesquisadora-docente, seus trabalhos focavam na literatura comparada. (Nota da IHU On-Line)

⁷⁵ Itamar Vieira Júnior (1979): escritor brasileiro. É autor do romance *Torto Arado*, ganhador do Prêmio LeYa de 2018, do Prêmio Jabuti de 2020 e do Prêmio Oceanos de 2020. (Nota da IHU On-Line)

Atwood⁷⁶, David Diop⁷⁷, Hang Kang⁷⁸, entre muitos outros e outras. Tudo isso tendo como critério a presença das plantas e afins no que escrevem.

Dois dos maiores pesquisadores que já citei também compareceram: Stefano Mancuso, com quem dialoguei, sob mediação da poeta Prisca Agustoni⁷⁹, no dia da abertura, e Emanuele Coccia, que dialogou com Adriana Calcanhoto⁸⁰, no penúltimo dia. O fato de o evento ter sido on-line facilitou em parte, mas dificultou também. Faltou a presença calorosa dos convidados e do público. Mesmo assim, quatro dos curadores fomos a Paraty, e lá encontramos os indígenas, no lindíssimo ritual de abertura, na Praça da Matriz. Chamei de “Primeira Missa às avessas”, realizada não pelos invasores portugueses, mas por representantes dos povos autóctones.

Ressalto o profissionalismo da organização da Flip, em particular de seu diretor artístico Mauro Munhoz. Porém, ele trabalha com uma excelente equipe, que deu assistência o tempo todo aos curadores Hermano Vianna (coordenador), Anna Dantes, Pedro Meira, João Paulo Barreto e eu mesmo. Formamos, em conjunto, uma *teia curatorial*, não sem discrepâncias.

Foi uma felicidade concluir e publicar um livro no evento que também foi inspirado em meu trabalho, pois fui convidado para participar pelo antropólogo Hermano Vianna⁸¹ a partir de uma conferência que fiz na Academia Brasileira de Letras sobre “Pessoa/Caeiro e as plantas”. Foi um aprendizado árduo, mas extremamente proveitoso. Árduo também porque há claramente uma implicância da grande mídia com a Flip – parece que eles ficam buscando um escândalo para vender jornal e ter audiência. É a sociedade do espetáculo levada a seu ápice, como a definiu muito bem Guy Debord⁸² nos anos de 1960. Felizmente o resultado foi excepcional, com excelente retorno por parte de quem assistiu. Todos os vídeos das palestras se encontram em livre acesso na Web, por tempo indeterminado.

76 Margaret Eleanor Atwood (1939): escritora canadense, romancista, poetisa, contista, ensaísta e crítica literária internacionalmente reconhecida, tendo recebido inúmeros prêmios literários importantes. Foi agraciada com a Ordem do Canadá, a mais alta distinção em seu país. Em 2001, Atwood foi incluída na Canada's Walk of Fame de Toronto. Muitos dos seus poemas foram inspirados por contos de fadas europeus e pela mitologia euro-asiática. (Nota da IHU On-Line)

77 David Diop (1966): romancista e acadêmico francês, especializado em literatura francesa e africana do século XVIII. Sua pesquisa concentra-se nas representações da África em relatos e imagens de viajantes do século XVIII. Recebeu o International Booker Prize 2021 por seu romance *At Night All Blood Is Black* como o primeiro autor francês (traduzido por Anna Moschovakis). O romance também foi indicado para dez prêmios franceses e os ganhou em outros países. (Nota da IHU On-Line)

78 Han Kang (1970): escritora sul-coreana, filha do romancista sul-coreano Han Seung-won. Tornou-se mundialmente conhecida após a publicação do seu romance “A vegetariana” em 2007, pelo qual, após sua tradução ao inglês, conquistou o Man Booker Prize (Prêmio Booker) em 2016. Atualmente, Han Kang ensina escrita criativa no Universidade de Seul [4] e escreve contos e novelas, além de realizar trabalhos de artes visuais. (Nota da IHU On-Line)

79 Prisca Agustoni (1975): poeta, tradutora e professora. Antes de mudar-se para o Brasil em 2003, viveu em Genebra e no Ticino. Sua obra, tanto prosa quanto poesia, transita entre o italiano, francês, espanhol e português. No Brasil, alguns de seus livros publicados são *Irmãs de feno* (Mazza, 2002), *A neve ilícita* (Nankin, 2006) e *Hora zero* (Patuá, 2016). É também autora de livros infantis, como *O mundo começa na cabeça* (Paulinas, 2015). Leciona literatura comparada na Universidade Federal de Juiz de Fora, onde reside atualmente. (Nota da IHU On-Line)

80 Adriana Calcanhoto (1965): cantora, compositora, intérprete, instrumentista, produtora musical, arranjadora, escritora e ilustradora brasileira, além de atuar como professora e embaixadora da Universidade de Coimbra, em Portugal. (Nota da IHU On-Line)

81 Hermano Vianna (1960): é um antropólogo, pesquisador musical e roteirista de televisão brasileiro. Autor dos livros “O Mistério do Samba” (Zahar, 1995) e “O Mundo Funk Carioca” (Zahar, 1988) é também criador dos programas *Esquental*, *Central da Periferia*, *Brasil Legal* e *Programa Legal* (TV Globo). (Nota da IHU On-Line)

82 Guy Debord (1931-1994): filósofo e sociólogo francês, autor de *A sociedade do espetáculo – Comentários sobre a sociedade do espetáculo* (Rio de Janeiro: Contraponto) e fundador da Internacional Situacionista (IS). (Nota da IHU On-Line)